

## ANIMAIS SILVESTRES

AO-66

### AFECÇÕES OFTÁLMICAS EM MURUCUTUTU (*PULSATRIX PERSPICILLATA* – LANTHAN, 1790) DE VIDA LIVRE: RELATO DE CASO

Namá Santos Silva<sup>1</sup>; Fernanda de Azevedo Liborio<sup>2</sup>, Niciérge de Menine Duarte<sup>3</sup>; Ianei de Oliveira Carneiro<sup>4</sup>

As corujas murucututus (*Pulsatrix perspicillata*) são aves da Ordem Strigiformes e apresentam uma vasta distribuição pelo território brasileiro, sendo mais facilmente encontradas em florestas atlânticas. Sua alimentação é basicamente composta por pequenos roedores e insetos. A alta acuidade visual desses animais permite uma movimentação e orientação no ambiente, além de uma prática de caça com precisão. Diante disso, qualquer alteração oftálmica nesses animais deve ser estudada por conta da possível influência sobre o desempenho de suas funções no ambiente natural. Pouco se sabe sobre as afecções oculares em aves silvestres de vida livre no Brasil. Pela casuística observada nos últimos dois anos de rotina do Centro de Triagem de Animais Silvestres - CETAS Chico Mendes, em Salvador, Bahia, a maior parte das afecções ocorridas são em decorrência de agentes traumáticos. O presente trabalho tem por objetivo relatar um caso de úlcera de córnea acompanhada de sinéquia oftálmica em uma coruja murucututu (*Pulsatrix perspicillata*) atendida no CETAS Chico Mendes em Salvador com histórico de trauma em veículo automotivo e cegueira parcial. Como exame oftálmico foi empregado o teste de fluoresceína e o teste lacrimal de Schimmer, conforme técnicas preexistentes. Diante do diagnóstico de úlcera de córnea, o protocolo terapêutico empregado foi o uso de colírio antibiótico de amplo espectro, terramicina, quatro vezes ao dia, por três dias, seguido de ciprofloxacina, três vezes ao dia, por mais nove dias. Além disso, utilizou-se anti-inflamatório não esteroidal, flunixin meglumine, 1mg/kg, por via intramuscular, uma vez ao dia, por três dias. Após quinze dias de tratamento a sinéquia se estabilizou, a úlcera de córnea regrediu. A ave não apresentava dificuldade de voo ou captura de presa. Sendo assim, optou-se então pela sua soltura em área próxima ao local de captura. A terapêutica utilizada foi eficaz. A importância do estudo das alterações oftálmicas nesses animais reside na viabilização de técnicas que permitam uma rápida reintrodução do animal ao habitat de forma segura, sem prejuízo das funções que garantem sua sobrevivência em vida livre.

**Palavras-chave:** oftalmologia, coruja, terapêutica.

1 Graduada em Medicina Veterinária – Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMEVZ – UFBA). namassilva@gmail.com

2 Médica Veterinária do Centro de Triagem de Animais Silvestres – CETAS Chico Mendes, Salvador-Ba. Mestranda em Ciência Animal nos Trópicos – EMEVZ

3 Médica Veterinária

4 Médica Veterinária. Mestranda em Ciência Animal nos Trópicos – EMEVZ. Laboratório de Infectologia Veterinária (LIVE – UFBA).

AO-67

### EVIDENCIAÇÃO SOROLÓGICA DE EXPOSIÇÃO À *LEPTOSPIRA SP* EM MAMÍFEROS SILVESTRES

Taizi Rodrigues<sup>1</sup>; Fernanda Santana Oliveira<sup>2</sup>; Vinícius Oliveira<sup>3</sup>; Vitor Curvelo<sup>3</sup>; Arianne Pontes Oriá<sup>4</sup>; Melissa Hanzen Pinna<sup>4</sup>

Foi efetuado um inquérito sorológico da leptospirose em diferentes espécies de mamíferos silvestres, mantidos em cativeiro. Foram colhidas

amostras de 88 animais, dos quais 40 primatas, 24 felídeos, 15 cervídeos, oito canídeos e um animal da Família Ursídea, totalizando 18 espécies. Os animais foram contidos quimicamente com a associação de fármacos sedativos, e posteriormente foram submetidos aos exames físicos e coleta de sangue. Após a coleta, as amostras foram resfriadas e transportadas até o laboratório para centrifugação, sendo o soro estocado. O diagnóstico sorológico para leptospirose foi realizado de acordo com a recomendação técnica da OMS, por meio da sorologia microscópica (MAT) com antígenos vivos, com cada amostra sorológica testada frente à bateria antigênica compreendida por 34 sorovares. Os animais foram considerados positivos quando apresentaram títulos  $\geq 100$ . Das 88 amostras de soro de animais silvestres testados pela sorologia microscópica 62 (70,4%) foram positivas e 26 (29,6%) apresentaram reação negativa. Dentre as 62 amostras positivas, 30 apresentaram títulos  $\leq 100$  (30/62-48,38%), 20 com título 200 (20/62-32,25%), 11 amostras com título de 400 (11/62-17,74) e uma amostra apresentou título de 800 (1/62-1,61%). Com relação à distribuição entre os sorovares, Copenhageni M20 foi o mais frequente, correspondendo a 16,1% (10/62). O sorovar Copenhageni pertence ao sorogrupo Icterohaemorrhagiae, sendo este mais prevalente em centros urbanos brasileiros. Os resultados do presente estudo sugerem que as leptospirosas chegam ao meio ambiente principalmente pela urina de roedores, já que o sorovar Copenhageni tem como seu hospedeiro natural roedores, em especial o rato-de-esgoto (*Rattus norvegicus*), e que a *Leptospira sp.* encontra um ambiente propício para sobreviver e para chegar até o hospedeiro susceptível nas coleções de águas paradas, bebedouros, estocagem de ração e reservatórios de água não higienizados periodicamente. Apesar de esforços dos profissionais na manutenção de um manejo sanitário adequado no ambiente de cativeiro, este é favorável à ocorrência da leptospirose. O sorogrupo Icterohaemorrhagiae foi o predominante nas amostras estudadas, destacando-se a importância do controle de roedores nos ambientes de cativeiro, que em sua maioria estão inseridos em centros urbanos, locais onde estes estão abundantemente disseminados.

**Palavras-chave:** Leptospirose, MAT, Animais silvestres

1 Bolsista Permanecer UFBA

2 Mestranda UFF

3 Médico Veterinário do Parque Zoológico Getúlio Vargas, Salvador – BA

4 Docente UFBA. E-mail: melissahp@ufba.br

## SUSTENTABILIDADE E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

AO-68

### PESQUISA SOBRE O USO ANIMAIS MEDICINAIS NA COMUNIDADE DE VÁRZEA-ALEGRE EM QUIXERÉ, CEARÁ, BRASIL – RESULTADOS PRELIMINARES

Telma de Sousa Lima, Ítala Tavares Guimaraes, Yannara Barbosa Nogueira Freitas, Simone Loiola Gomes, Andréia Freitas de Oliveira

O presente trabalho teve o intuito de detalhar o uso terapêutico dos animais ou partes deles (gordura, sangue e/ou carapaças) no tratamento de enfermidades ou como imunoestimulante na medicina popular, a fim de valorizar esse campo pouco difundido e enriquecer a medicina alternativa. O estudo foi desenvolvido na Comunidade de Várzea Alegre, Zona Rural do Município de Quixeré, Ceará, onde aproximadamente um terço dos habitantes tem como principal fonte de renda a agropecuária. A coleta de dados foi efetuada por meio da aplicação de um roteiro estruturado submetido à cerca de nove famílias, no período de dezembro de 2012 a janeiro de 2013,

buscando um levantamento sobre o percentual de utilização dos animais no uso medicinal da região, bem como o consenso sobre as propriedades terapêuticas atribuídas aos mesmos. O resultado obtido revelou que 33,33% dos participantes já utilizaram animais na terapia de enfermidades, onde a principal substância citada foi a gordura animal, proveniente da galinha ou do tejo, na forma de óleo, para consumo ou lavagem bucal no tratamento de afecções como gripe e inflamações na garganta, sendo aprovada sua eficácia pelos entrevistados. Dos entrevistados, 66,66% afirmaram que nunca utilizaram animais ou seus subprodutos como fonte medicinal. Além disso, dentro deste segundo grupo, 11,11% dos entrevistados afirmaram não criar animais e confirmaram não utilizar resíduos animais para tratamento de enfermidades em outras espécies animais, recorrendo sempre à assistência veterinária. Os estudos preliminares sobre a comunidade de Várzea-Alegre demonstraram a desvalorização do conhecimento popular, interferindo na transmissão e preservação da cultura regional, negligenciando também a medicina alternativa. Desta forma, observa-se a necessidade de reafirmar a importância dos recursos biológicos na terapêutica das doenças, bem como o desenvolvimento de pesquisas confirmando seu valor medicinal, agregando valor aos recursos existentes na produção e fauna local.

**Palavras-chave:** Cultura popular, medicina alternativa, terapêutica.

## DEFESA E VIGILÂNCIA SANITÁRIA

AO-69

### ESTUDO DA QUALIDADE MICROBIOLÓGICA DE QUEIJOS COLONIAIS COMERCIALIZADOS EM FEIRAS LIVRES NO SUL DO BRASIL

Marli Lourdes Koswoski Zanatelli<sup>1</sup>, Analize Fátima Perussolo<sup>2</sup>, Daniela Dos Santos De Oliveira<sup>3</sup>, Elisandra Andréia Urio<sup>3</sup>, Ricalael Brunetto<sup>4</sup>, Renan Farina<sup>4</sup>

O objetivo do trabalho foi verificar a qualidade microbiológica de queijos coloniais comercializados em feiras livres no Sul do Brasil por meio da pesquisa de Contagem em placas para bolores e leveduras. No período de maio a junho de 2013 foram examinadas amostras de queijo colonial, produzido de forma artesanal e comercializado em feiras livres das cidades do Sul do Brasil, como em Getúlio Vargas, Erechim, Estação/RS e Itapema/SC. Foram coletadas 10 amostras, adquiridas diretamente dos comerciantes, acondicionadas em caixas de material isotérmico e transportadas até o Laboratório de Microbiologia do Instituto de Desenvolvimento Educacional – Faculdade IDEAU – Campus de Getúlio Vargas/RS. Foram pesadas asepticamente 25g da amostra de queijo, maceradas e homogeneizadas em 225ml de água peptonada e preparadas diluições seriadas em tubos de ensaio estéreis contendo 9ml de água peptonada com 1ml da amostra de queijo até a diluição de  $10^{-4}$ . Em seguida, foram semeadas 1ml de cada diluição e vertidos 9ml de ágar *potato* dextrose em placas de Petry esterilizadas em triplicata. Posteriormente, foram incubadas as placas invertidas em ambiente aeróbico a  $36^{\circ}\text{C}/48\text{ h}$ , após realizada a leitura, seguindo o critério estabelecido pela Instrução Normativa do MAPA para Contagem dos resultados nas placas de diluição  $10^{-4}$ . Seguindo a contagem em placas para bolores, obteve-se como resultado a presença em três amostras. O micélio dos bolores é responsável pelo aspecto característico das colônias que formam. Quanto à contagem de placas para leveduras, esta variou entre  $0,12 \times 10^6$  UFC/g e  $5,16 \times 10^6$  UFC/g sendo assim, comparando os resultados da pesquisa, com a bibliografia consultada, fica evidente a qualidade insatisfatória dos queijos de produção artesanal, considerando-se os microrganismos indicadores pesquisados, fungos mesófilos.

O consumo de queijos coloniais pode representar uma forma mais saudável e natural, porém apresenta muitos perigos à saúde como infecções e toxinfecções alimentares. Nas amostras examinadas foi constatado que a maioria apresentava riscos devido a qualidade inadequada, demonstrando que para a produção de alimentos em especial queijos coloniais, faz-se necessário procedimento básico, como aplicação de Boas Práticas de Fabricação no processo de extração, produção e manipulação dos produtos, além de estocagem adequada, principalmente no controle da temperatura e a venda dos mesmos. Os resultados obtidos indicam que há necessidade de pasteurização do leite aliado às boas práticas de fabricação e inspeção, garantindo-se assim, a qualidade e confiabilidade do produto aos consumidores.

**Palavras-chave:** queijo, bolores, leveduras.

<sup>1</sup>Acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária- Faculdade IDEAU

<sup>2</sup> Departamento de Laboratório do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai.

<sup>3</sup> Professoras do Curso de Medicina Veterinária Faculdade IDEAU.

E-mail: marlizanattelli@hotmail.com

AO-70

### PESQUISA DE STAPHYLOCOCCUS COAGULASE POSITIVA EM AMOSTRAS DE QUEIJO ARTESANAL SERRANO CATARINENSE NO MUNICÍPIO DE LAGES-SC

<sup>1</sup>Felipe Nael Seixas, <sup>1</sup>Edson Antonio Rios, <sup>1</sup>Juliana Ramos Pereira, <sup>2</sup>Ronaldo Tamanini, <sup>1</sup>Juliana Mareze, <sup>2</sup>Alberto Koji Yamada, <sup>3</sup>Vanerli Beloti

No município de Lages-SC é comum a venda informal de queijo, que tem como matéria-prima o leite cru, conhecido como queijo Artesanal Serrano. A comercialização deste queijo pode representar um grande risco para saúde pública, pois quando não há higiene na obtenção da matéria-prima e na elaboração do queijo esse pode ser veículo de vários patógenos. Devido à sua intensa manipulação durante a fabricação, um dos patógenos importantes é o *Staphylococcus* coagulase positiva, que é comensal nas vias nasais, garganta, pele e cabelos de seres humanos, essa bactéria pode produzir toxina termoresistente responsável por vários surtos de toxinfecções alimentares. Este microrganismo pode estar presente também no leite cru, porque é causador de mastite. O objetivo deste trabalho foi pesquisar a presença de *Staphylococcus* coagulase positiva em amostras de queijos Colonial Serrano, no município de Lages-SC. Foram examinadas 20 peças de queijos Artesanal Serrano, recolhidos aleatoriamente em diferentes pontos de comercialização no município de Lages-SC, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2012. As amostras foram encaminhadas para análises ao Laboratório de Inspeção de Produtos de Origem Animal-UEL. A enumeração de *Staphylococcus* coagulase positiva seguindo a metodologia do *Standard Methods for Examination of Dairy Products*, no qual 25g homogêneas de queijo foram adicionadas à 225ml de Água Peptonada (Laborclin) e 0,1ml das diluições decimais seriadas foram inoculadas por superfície em Ágar Baird-Parker (Laborclin). Após a incubação por  $37^{\circ}\text{C}$  por 48 horas foram selecionadas cinco colônias típicas de cada amostra para o teste de coagulase. As 20 amostras examinadas apresentaram *Staphylococcus* spp. tendo como média  $1,22 \times 10^6$  UFC/g, das quais sete amostras apresentaram *Staphylococcus* coagulase positiva com uma média de  $1,13 \times 10^5$  UFC/g, três amostras apresentaram contagens acima de  $10^5$ , quantidade de *Staphylococcus* coagulase positiva considerada suficiente para causar toxinfecções alimentares. Segundo a legislação brasileira para queijo de média umidade, onde o queijo Artesanal Serrano se encaixa, estas amostras estariam fora do padrão estabelecido de  $1 \times 10^5$  a  $1 \times 10^6$  UFC/g. A presença *Staphylococcus* coagulase positiva indica falhas de higiene na manipulação